

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo

Escola de Sociologia e Política

10 anos da Marcha da Maconha em São Paulo: Manifestações públicas
em defesa do uso de drogas na metrópole

Matheus Farah Tijiwa Birk

RA: 0021879

2018

A presente pesquisa tem por objeto os 10 anos da Marcha da Maconha na cidade de São Paulo partindo de uma análise baseada nos estudos da antropologia urbana, trazendo com isso um estudo das formas de organização política na metrópole, ocupação do espaço público, demandas políticas de um movimento urbano, dinâmicas da cidade entre outros aspectos relacionados ao espaço urbano e às drogas.

Assim como foi apresentado na VII Semana de Seminários FESPSP, o trabalho faz um estudo histórico da Marcha da Maconha em São Paulo e traz uma comparação dos eventos que tiveram início em 2008 até como ele se dá atualmente e as mudanças que ocorreram, como o surgimento das chamadas marchas periféricas, por exemplo, e uma análise dos “subtítulos” das marchas que representam a principal reivindicação daquele determinado ano.

Uma das razões que justificam a produção dessa pesquisa é a falta de trabalhos relacionados ao tema abordando a temática da cidade e a questão política envolvendo a maconha e, no limite, as drogas em geral. A maioria dos trabalhos que tratam do assunto se apresentam a partir de outras abordagens que não a das ciências sociais, mais especificamente da antropologia. Os trabalhos se apresentam principalmente na área da saúde, segurança pública, direitos, criminalidade e violência. A questão da maconha perpassa todos esses temas e alguns deles estão sendo trabalhados aqui, como a questão da segurança pública e criminalidade. Uma das principais demandas da Marcha da Maconha, inclusive, é a descriminalização da maconha ou das drogas em geral pelo fim do encarceramento em massa e genocídio da população negra e periférica.

O que aqui é apresentado como problema de pesquisa são as demandas políticas da marcha, as formas de organização, a relação dos manifestantes e militantes com as drogas, as dinâmicas da cidade e a relação daqueles com o Estado e a repressão que o Estado impõe sobre os mesmos. Um dos fatores que me ajuda a pensar e analisar as demandas políticas da Marcha são, como mencionado anteriormente, as frases que acompanham o nome “Marcha da Maconha” de cada ano pois elas trazem o que aquele ano representa na luta que o movimento vem exercendo há 10 anos no Brasil. A

luta da Marcha engloba tópicos de diversos segmentos que envolvem a maconha, desde a legalização da maconha para fins medicinais até a legalização por questões que envolvem raça e classe, como o encarceramento em massa do povo pobre e negro, já mencionado anteriormente.

Em relação às formas de organização da Marcha, o que foi observado até o presente momento foi que as lideranças do movimento se propõe a fazer reuniões abertas periodicamente para que as ações - que acontecem ao longo do ano todo e não apenas no dia da Marcha principal ou das Marchas periféricas – que serão feitas possam ser debatidas com a população e não se limitem apenas àquelas pessoas que são militantes ou pelo menos envolvidas na causa de maneira mais engajada. Todas e todos são convidados a comparecer pois a organização da Marcha faz convites abertos nas redes sociais.

A repressão do estado e as dinâmicas da cidade são algo que pode ser observado com mais proximidade e com uma análise pautada por questões de raça, classe e localização geográfica. Uma comparação entre a Marcha da Avenida Paulista, que reúne a maior quantidade de manifestantes (cerca de 100 mil pessoas em 2018, segundo os organizadores do evento) e as Marchas periféricas facilita a análise mencionada visto que apesar de ambos os eventos estarem reivindicando as mesmas questões, os marcadores sociais e o decorrer do evento parecem ser diferentes em cada local. Um claro exemplo disso é o fato de que a Marcha Da Maconha do Grajaú de 2018 teve manifestantes detidos pela polícia e a Marcha da Avenida Paulista correu de maneira tranquila sem nenhum problema parecido.

Entre os principais objetivos da pesquisa estão justamente a comparação entre a Marcha da Avenida Paulista e as Marchas periféricas e a análise dos diferentes marcadores sociais nas diferentes marchas. Além da proposição de contribuir para o debate sobre drogas e espaço urbano.

Para que tais objetivos se cumpram a ideia é comparecer nas reuniões abertas da Marcha, entrevistar atores sociais que contribuam com o movimento da Marcha da Maconha e fazer o estudo de bibliografias que tratam do assunto. Além de estar presente nas Marchas periféricas de 2019 e na Marcha

da Avenida Paulista, locais onde a análise de campo pode ser feita com mais clareza.